

A Coluna do Kina

REFLEXÕES SOBRE ÉTICA

Reflexões sobre ética

Sidney Kina

Não sei se você conhece um dos dilemas clássicos da filosofia chamado o “problema do bonde*”. Ei-lo: Um bonde desce pelos trilhos. À frente, nos trilhos, encontram-se cinco pessoas que não escutam o bonde descendo e que não conseguirão sair do caminho dele. Não há tempo suficiente para parar o bonde antes que ele atropela e mate as pessoas. O único meio de evitar isso é desviá-lo para outro trilho. Entretanto, há uma pessoa neste trilho e, infelizmente muito perto, também não conseguirá escapar se o bonde for direcionado contra ele. Agora imagine: você está ao lado da alavanca de mudança dos trilhos. Você terá de fazer uma escolha: não fazer nada e observar a morte de cinco pessoas, ou puxar a alavanca levando a morte para uma única pessoa. Do ponto de vista moral, podemos dizer que você pode ou não desviar o bonde, pois não há uma obrigação de fazê-lo, mas, independentemente, o que você faria? Qual sua sentença?

Bem, antes de você resolver se vai puxar ou não a alavanca, deixe-me observar a questão pela visão da ética. A ética é uma característica inerente a toda ação humana e, por essa razão, é um elemento vital na produção da realidade social. Todo homem possui um senso ético, uma espécie de consciência moral, e constantemente avalia e julga suas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. Ética então pode ser definida como uma tentativa de viver de acordo com um conjunto de regras ou deveres em benefício da sociedade e da relação entre as pessoas, em que é necessário seguir algumas dessas regras, ou agir em concordância com alguns desses deveres. Quando a ética assim segue, independentemente das consequências, porque o dever em si é mais importante, chamamos a isso de ética deontológica, da palavra grega “deon”, que significa dever.

O deontologista ético mais conhecido é Immanuel Kant**. Ele afirma que os deveres mais importantes devem ser categóricos e universais. Universal significa que a regra que se determina seguir como ética deve se aplicar a todos. Kant argumenta que, se uma regra não “universalizar”, então ela não é ética, porque todos têm de acreditar ou ser capazes de viver

nas mesmas regras morais. Numa sociedade, não existe a tal da “minha própria ética” como uma exceção para si mesmo – “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, nem pensar. Categórico significa “sem exceção”; em outras palavras, eu não posso escolher um dever e depois pensar em casos que ele não se aplique ou escolher não aplicá-lo em determinadas situações – o que não seria ético. Um exemplo clássico de regra universal e categórica, instaurada em qualquer cultura ou sociedade, é não matar. Assim, se você acredita nessa regra e se você é deontologista, no “problema do bonde” você não deveria em hipótese alguma puxar a alavanca. Você pode até questionar a vida das cinco pessoas no caminho do bonde, entretanto vale lembrar que não foi você que as colocou lá e, portanto, não é culpado por nada que aconteça, mas ao puxar a alavanca você deliberadamente passa a ser culpado pela morte de uma pessoa – não matar, uma regra universal e categórica.

Ok. Talvez você não se sinta bem com a argumentação deontológica. Tudo bem, a ética também pode ser definida como o processo de descobrir quais de nossas ações produzem os melhores resultados, e então seguir esse curso de ação. Isso é chamado de ética consequencialista***, porque ela se volta para as consequências de nossas ações mais do que com a inerente correção moral delas. “Utilitaristas” argumentam que uma ação é moralmente boa na medida em que suas consequências promovem maiores benefícios, compensações ou prazer para o maior número de pessoas. Assim, contrariamente à posição deontológica, puxar a alavanca para salvar cinco pessoas em detrimento de uma passa a ser moralmente aceitável.

Embora não de forma extremada como no caso do bonde, envolvendo situação de vida ou morte, observe que todos os dias nós estamos envolvidos em decisões. Em nossas relações cotidianas estamos sempre diante de problemas e dilemas, cujas soluções envolvem uma carga moral. Ideias sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o permitido e o proibido definem o norte em nossas respostas. Veja dois dilemas odontológicos relativamente correntes em nossa vida profissional, mas, por favor, lembre-se: qualquer decisão em termos técnicos é plenamente

válida (puxar ou não a alavanca). Tente observar os dilemas a partir de sua ética.

– Um remanescente radicular com boa inserção óssea e ótimo tratamento endodôntico. Não há problemas oclusais, mas há um senão: não existe remanescente dentário cervical e, portanto, sem possibilidade de férula. Embora seja possível a restauração dentária com um sistema pino/coroa (qualquer que seja ele), o prognóstico é duvidoso. Por outro lado, a possibilidade de extração e colocação de implante leva a um prognóstico bastante favorável. A pergunta é: o que é ético? A extração ou a tentativa de salvar o elemento dentário? E se o paciente for seu filho (ou sua mãe), isso muda sua perspectiva de ação e sua ética?

– Restaurações de amálgama antigas, funcionais e sem infiltração localizadas em molares superiores que raramente se insinuam esteticamente. O paciente não se manifesta nem a favor nem contra a substituição das restaurações: é ético substituí-las por resinas compostas? Caso você tenha respondido que não é ético substituí-las, mas agora o paciente deseja fazê-lo, este fato torna ético o procedimento? Os motivos que levaram você a decidir que não era ético deixaram de existir apenas pelo desejo do paciente?

Muito bem, ética deontológica versus ética consequencialista nos dá razão para decidir por um lado ou outro. Então, só para apimentar, a filósofa Jarvis Thonson**** gosta de comparar o problema do bonde a uma história envolvendo um cirurgião com cinco pacientes. Cada paciente está morrendo por causa do mau funcionamento de um órgão diferente, mas todos podem ser salvos com um transplante. Como não há tempo de conseguir os órgãos pelos meios normais, o cirurgião considera drogar um colega saudável (e, para via de raciocínio, doador compatível com todos os cinco pacientes) e remover os órgãos dele para usar nos transplantes. Ao fazer isso, ele matará o colega, mas salvará os cinco pacientes. Você já percebeu aonde Thonson quer chegar com isso: qual a diferença entre a situação do bonde e a do cirurgião? Nos dois exemplos uma pessoa (você ou o cirurgião) pode ficar passiva e deixar cinco pessoas morrerem, ou praticar uma ação que causará a morte de uma, mas salvará cinco. Muitas pessoas concordarão que puxar a alavanca é uma ação justificada, mas, sem dúvida, o ato do cirurgião não é. O difícil nesta história é explicar com precisão por que nos sentimos “mais confortáveis” em uma situação do que em outra. Embora muitos argumentos possam ser levantados, parece que o simples fato da distância entre o operador e a ação – algo como olhar ou não nos olhos da vítima – tem um peso considerável em nosso julgamento.

O que observamos é que diante dos dilemas da vida temos a tendência de conduzir nossas ações de forma quase instintiva, e muitas vezes sobre forte influência de nossos sentimentos. Assim, tristeza, alegria, raiva, inveja, empatia, compai-

xão e dó são fortes moderadores em nossas decisões do dia a dia. Julgar se determinada ação foi ética ou não é sempre difícil, e no fundo somente em nossa consciência saberemos se foi ético ou não.

* Philippa Foot. The Problem of abortion and the doctrine of the double effect in virtues and vices. Oxford: Basil Blackwell; 1978.

** Immanuel Kant (Königsberg, 1724-1804): Filósofo alemão considerado o último grande filósofo dos princípios da era moderna e, indiscutivelmente, um de seus pensadores mais influentes. É famoso, sobretudo, pela elaboração do denominado “idealismo transcendental”.

*** Consequencialismo é um termo filosófico usado para uma teoria acerca da responsabilidade e habitualmente usado para uma teoria acerca do correto e do incorreto. O termo foi criado por Elizabeth Anscombe em “Modern Moral Philosophy”, em 1958, para defender a tese de que um agente é responsável tanto pelas consequências intencionais de um ato como pelas não intencionais quando previstas.

**** Judith Jarvis Thomson. “The trolley problem”: rights, restitution, and risk. Cambridge: Harvard University Press; 1986. p. 94-116.

PARA SABER MAIS:

Kina S. A Coluna do Kina. A estÉtica? Clínica - Int J Braz Dent. 2010 Jul-Set;6(3): 248-9.

White MD, Arp R, Irwin W. Batman and philosophy: the dark knight of the soul. New Jersey: John Wiley & Sons; 2008.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br